



DESAFIOS 2026
democracia, desenvolvimento e
justiça social no Brasil contemporâneo

Ações urgentes para problemas históricos

Na última edição do ano do *CB.Debate*, participantes veem a redução da desigualdade social e a manutenção de políticas públicas como etapas essenciais para o país avançar. Mas consideram os ataques à democracia um obstáculo real

» VICTOR CORREIA

Em 2026, o Brasil precisará enfrentar problemas históricos importantes, como desigualdade social e baixo crescimento econômico, se quiser se tornar um país mais justo e inclusivo. Precisa, ainda, modernizar a estrutura do Estado para torná-lo mais eficaz e menos perdulário. Para todos esses objetivos, no entanto, é preciso preservar um princípio basilar: a democracia, que ainda sofre ameaças após a trama golpista de 2022 e 2023.

Esses foram os principais pontos discutidos no evento *CB Debate Desafios 2026: Democracia, Desenvolvimento e Justiça Social no Brasil Contemporâneo*, realizado pelo **Correio Braziliense**. O encontro reuniu autoridades, parlamentares e especialistas na sede do jornal.

Ao abrir o *CB Debate*, o presidente da Caixa Econômica Federal, Carlos Vieira, assinalou três “marcas profundas” que precisam ser enfrentadas para garantir o desenvolvimento do país: desigualdade, dependência econômica de nações estrangeiras e descontinuidade das políticas públicas. O presidente da Caixa explicou que, embora a desigualdade seja muito comentada do ponto de vista social, revela outros aspectos relevantes. “Ela é territorial: basta olhar a extensão deste país. Quando você confronta as realidades regionais, existe essa marca clara”, enumerou. “A questão racial, evidentemente, debate-se e tenta-se avançar. Mas é uma grande realidade do país. E a desigualdade educacional é outro aspecto muito presente. Por fim, a questão tecnológica, mais do que nunca, é imperiosa no momento presente”, citou Vieira.

DEPENDÊNCIA EXTERNA

Ao citar autores como Celso Furtado e outros, o presidente da Caixa fez uma leitura histórica da dependência do Brasil em relação às grandes economias: segundo ele, o país passou de uma fase comercial no século XVIII para uma dependência industrial e financeira no século XX, até chegar ao aspecto tecnológico e algorítmico no século XXI.

Ecoando uma preocupação do governo federal, Vieira também defendeu que o país precisa ter controle de seus próprios dados, um dos ativos mais importantes atualmente. Desde 2023, por exemplo, as estatais de tecnologia Serpro e Dataprev trabalham para desenvolver a Nuvem de Governo. “Não podemos perder a autonomia da gestão dos nossos dados, para que isso não interfira no desenho das políticas públicas da Caixa”, comentou.

Dentre as iniciativas da Caixa, Vieira destacou a oferta de microcrédito para periferias a juros mais baixos, com empréstimos médios de R\$ 10 a R\$ 11 mil, somando um total de R\$ 350 milhões, e o pagamento do Pé-de-Meia, criado para incentivar a permanência de alunos do Ensino Médio e reduzir a evasão escolar.

Porém, criticou a falta de continuidade e de projetos de longo prazo no país — desafio crônico para o Estado brasileiro. Ele mencionou, como exemplo, a extinção do Ministério das Cidades no governo passado. “É um grande vetor de dificuldade para um projeto de Estado brasileiro. Mudar de governo, mudar de direção, e mudar de

prioridade têm sido uma constante ao longo do tempo nesse país, e faz com que os programas estratégicos fiquem pela metade”, lamentou.

Vieira apontou que o Brasil é um país “extraordinário”, apesar de conviver “de forma inexplicável” com dificuldades que barram seu desenvolvimento. “É tempo de decidir, de transformar o país estruturalmente. Eu digo que o Brasil só avança quando rompe seus padrões históricos, dependência e de descontinuidade”, argumentou o presidente da Caixa. “O futuro, ele não é dado. O futuro de qualquer país, de qualquer sociedade, é construído. Eu acredito piamente que a gente só vai avançar quando a gente romper essas barreiras”, pontuou.

DEMOCRACIA EM RISCO

Segunda oradora na abertura do *CB Debate*, a reitora da Universidade de Brasília, Rozana Reigota Naves destacou a crise vivida pela democracia no mundo. Argumentou que a comunidade acadêmica é essencial para fortalecer as instituições democráticas. “Trata-se de um fenômeno mundial, que passa pelos ataques às soberanias nacionais para fins da sobrevivência de um imperialismo, e que só pode ser enfrentado coletivamente. Nesse contexto, a ciência, as universidades, têm papel fundamental”, defendeu Rozana Naves. “Assim como é preciso avançar cada vez mais na regulamentação e no controle social das plataformas digitais, e ampliar os mecanismos de participação social e uma aproximação deliberada com a democracia direta, como mecanismo de dar voz aos diversos atores sociais”, emendou.

A reitora citou o histórico da UnB na resistência à ditadura militar. Afirmou que, atualmente, a universidade também implementa ações para estudar o impacto da Inteligência Artificial e outras tecnologias no sistema democrático. Criticou ainda o PL da Dosimetria, aprovado na madrugada de ontem pela Câmara dos Deputados.

“Sabemos que, embora tenhamos avançado no julgamento da tentativa de golpe no âmbito do Executivo, tivemos cenas deploráveis na nossa Casa Legislativa. Essa discussão de uma anistia disfarçada de dosimetria, e para além disso a remoção forçada e violenta de parlamentares e da própria imprensa daquele Plenário”, criticou a reitora.

Também na abertura do *CB Debate*, o presidente do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, destacou que o jornal manteve a tradição de encerrar o ano com uma reflexão sobre os desafios nacionais mais urgentes. “Este é o último debate do **Correio Braziliense** em 2025. O *CB Debate* é uma ferramenta que nós utilizamos para trazer os temas relevantes do nosso país para serem discutidos por especialistas, para melhor informar nosso leitor, nosso internauta e nosso telespectador”, comentou.

Os dois painéis seguintes abordaram temas como caminhos para um desenvolvimento econômico com justiça social e a busca do equilíbrio entre progresso e preservação ambiental. Em meio a debates sobre questões específicas, formou-se um consenso de que a superação de problemas históricos depende de uma democracia respeitada e de um melhor funcionamento das instituições republicanas.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A Press



Caixa reforça papel social

» DANANDRA ROCHA

Convidado para a abertura do debate *Desafios 2026*, o presidente da Caixa Econômica Federal, Carlos Antônio Vieira Fernandes, destacou a missão do banco no momento em que o Brasil busca conciliar crescimento econômico, sustentabilidade e fortalecimento democrático: ampliar a inclusão e transformar a vida das pessoas.

Uma das frentes mencionadas pelo executivo são as políticas voltadas para a habitação. “Com a política da nova moradia, já ultrapassamos mais de R\$ 500 milhões em pouco mais de um mês. Na nossa visão, como um banco inclusivo, essa é uma das políticas mais importantes para 2026 e para os anos seguintes”, afirmou.

A agenda de inclusão, segundo ele, faz parte da história da Caixa. Vieira lembrou que o banco, ao longo de seus 165 anos, protagonizou momentos decisivos

na expansão de direitos. “A Caixa trouxe uma política de inclusão desde os seus primórdios: foi o banco que permitiu que escravizados comprassem sua carta de alforria. Foi o banco que trouxe a percepção da inclusão feminina. Nós fomos o primeiro banco a admitir mulher para trabalhar; o primeiro a dar um cartão de crédito à mulher, na década de 1970”, exemplificou.

FUNDAÇÃO CAIXA

Vieira reforçou, ainda, que a instituição prepara novos programas voltados especialmente às periferias. Essas iniciativas, no entanto, precisam da criação da Fundação Caixa, em análise no Senado Federal. “A Fundação Caixa só depende do Senado. Passou rapidamente pela Câmara, mas está há uns três, quatro meses aguardando. Essa fundação vai permitir trazer educação para as pessoas, discutir pautas

periféricas.[...] O Brasil é um país que tem uma periferia enorme, e a Caixa pode continuar tendo esse papel”, observou Carlos Vieira.

O presidente da Caixa citou como exemplo a inauguração, no Rio de Janeiro, de um espaço voltado à inclusão econômica em comunidades, com foco na economia criativa. A iniciativa reúne parcerias com Sebrae, Senac e Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

Carlos Vieira também destacou projetos de reordenamento urbano em áreas históricas da capital fluminense. “O Rio de Janeiro está sendo transformado com a ocupação territorial na região da Pequena África, junto ao Porto Maravilha. Hoje temos 14 mil unidades produzidas, com mais de 90% comercializadas. São formas de fazer o papel de banco social acontecer”, detalhou.

Ele reforçou que o crédito tem papel indutor do crescimento, especialmente quando direcionado



O Brasil só avança quando rompe seus padrões históricos de dependência e de descontinuidade. O futuro de qualquer país, de qualquer sociedade, é construído. Acredito piamente que a gente só vai avançar quando a gente romper essas barreiras”

Carlos Vieira, presidente da Caixa Econômica Federal



(A crise nas democracias) Trata-se de um fenômeno mundial, que passa pelos ataques às soberanias nacionais para fins da sobrevivência de um imperialismo, e que só pode ser enfrentado coletivamente. Nesse contexto, a ciência e as universidades têm papel fundamental”

Rozana Naves, reitora da UnB